

História do jovem raptado na Namaacha

Serviço da AIM

As Forças Armadas da África do Sul têm utilizado moçambicanos para operações especiais fora do território sul-africano, revelou na quinta-feira, em Maputo, um jovem moçambicano que fora raptado por tropas sul-africanas em 1982. Jerónimo Simbine,

Na madrugada de 22 para 23, tropas sul-africanas, acompanhadas por moçambicanos armados — todos eles fardados com camuflados idênticos aos do Exército moçambicano — penetraram na vila da Namaacha, mataram dois trabalhadores moçambicanos e um português de nome António de Figueiredo, de 30 anos de idade. O ataque culminou com o rapto de três moçambicanos.

Um deles era Jerónimo Simbine, que tinha ido à Namaacha visitar uma amiga. Os outros dois eram Félix Dimene, amigo de Simbine e residente na casa onde este foi raptado, e um velho que era cozinheiro da escola de professores daquela vila. Dimene era professor na Namaacha.

Entre 15 a 20 homens armados — alguns dos quais brancos — invadiram a casa onde eu estava, devia ser uma hora da madrugada de sábado para domingo, contou Simbine.

As mulheres da casa foram postas de lado e as crianças metidas num quarto. Simbine e Dimene foram acorrentados pelo pescoço e levados a pé até dentro do território sul-africano onde eles e os seus raptadores entraram para um camião completamente fechado.

Os três raptados foram levados para um local que, mais tarde, Simbine

veio a saber tratar-se da zona de Phalaborwa. Numa casa isolada, os três foram interrogados durante cerca de dois a três meses.

— As perguntas eram principalmente sobre quem éramos nós, e se conhecíamos os locais onde moravam membros do ANC — disse Simbine.

Ele acrescentou que foram interrogados em separado e sempre com a cara tapada. Disse que os interrogatórios eram conduzidos em afrikaans e traduzidos para português. Dentro da casa, os raptados não podiam contactar entre si e estavam sempre acorrentados pelos pés.

Mais tarde, foram transferidos para uma base militar a uns cinco quilómetros daquele local, onde foram metidos numa cadeia.

INTEGRAÇÃO

Quando finalmente foi tirado da cadeia, Jerónimo Simbine foi integrado nas Forças Armadas Sul-Africanas (SADF).

Documentos que ele apresentou à imprensa, dão os dados da sua integração. Ele recebeu um «Reference Book» (Bewysboek, em afrikaans) com mais de vinte páginas para referências várias. Foi-lhe dado um novo nome, António Zecker, com o registo

de 25 anos de idade, antigo professor de História na Escola Secundária, foi raptado no dia 22 de Agosto de 1982 da vila da Namaacha, que faz fronteira com a Suazilândia e África do Sul.

de origem étnica zulu, e um número de licença militar (1-7520184/4). Foi integrado no 5.º regimento de reconhecimento, 53.ª companhia, e recebeu a arma HK 33 com o número S-117633. Recebeu um fardamento castanho das SADF e principiou os seus treinos militares, com o ordenado mensal de 180 randes.

Devido a uma deficiência no braço esquerdo, Simbine foi dado como não apto para certos exercícios e operações militares pelo que ficou afecto, primeiro às rádio-comunicações, e depois — devido a dificuldades de língua — passou definitivamente para o bloco 53 onde fazia trabalhos de anuência.

Simbine disse que o treino militar dos outros durava seis meses. Nesse período as tropas tinham cursos de para-quedaismo, navegação com bússola, provas de fome, sabotagem, primeiros socorros e os treinos normais com arma de fogo.

Simbine declarou que nesse quartel havia duas companhias compostas por sul-africanos e rodésianos e que essas unidades tinham como missão principal lançar operações fora da África do Sul.

Disse que, quando ainda estava preso, ouviu falar do ataque a Maseru (de Dezembro de 1982) quando o

exército sul-africano assassinou dezenas de refugiados sul-africanos e cidadãos do Lesotho.

Declarou que estas unidades em Phalaborwa não estavam ainda ligadas aos bandos armados que, também dessa região, partiam para ataques dentro de Moçambique.

Numa entrevista concedida à AIM nos fins do ano passado, Constantino Reis, que pertenceu aos bandos armados, declarou que uma parte dos moçambicanos raptados era integrada no banditismo e uma outra parte passava para as SADF. Estes, disse Reis, não nunca mais os viámos.

Simbine disse que havia muitos moçambicanos nesse quartel em Phalaborwa e recordou-se de alguns nomes: Jans, Jackson, Alberto Picardo Sardinha, Mahomed, Cramanol, João, Paulo, Peter Armstrong e outros. Preciou que não sabe se esses eram os seus nomes verdadeiros pois, como aconteceu com ele, os moçambicanos, uma vez lá chegados, recebiam outros nomes. A patente mais alta entre eles era de Cabo (líance-corporal).

Simbine declarou que no quartel havia vários oficiais sul-africanos. O comandante do quartel era um tal Sachs. A maior parte dos oficiais sul-africanos tinha a patente de Major. Recordou-se dos Majores Jacob, Meehlitz e Khraiz.

DESEJO DE FUGIR

Meehlitz participou no ataque de Agosto de 82 à Namaacha, disse Simbine, e substituiu Sachs na chefia da 53.ª companhia quando este passou a comandante do quartel. Cada companhia tinha o seu comando, sendo o quartel chefiado por um comandante (Sacks) e um adjunto.

Simbine recorda-se dum outro nome: Cunne, com a patente de Cabo.

Disse que havia também um português que era sargento. Ele era condutor e encarregava-se do departamento dos desportos.

Quanto aos rodésianos, Simbine disse que uma parte deles tinha pertencido aos «Selous Scouts» durante o regime de Ian Smith.

Simbine esteve detido uma terceira vez (entre 2 a 3 semanas). Foi já depois de terminados os treinos em

Junho/Julho de 83, quando já podiam ir à vila de Phalaborwa fazer compras. Ele ensaiou uma fuga mas voltou para trás porque viria que corria riscos. Quando chegou ao quartel foi detido porque se ausentara mais do que o tempo permitido.

Simbine disse que os oficiais sul-africanos frequentemente diziam que quem tentasse fugir seria morto. Estas ameaças eram constantes — disse ele.

— Quando fui solto disseram-me que da próxima vez seria morto.

Declarou que a integração dos moçambicanos no exército sul-africano era feita através do rapto — como o caso dele e de um outro raptado em Inhambane em 1983, ou por ofertas de dinheiro, ou ainda como alternativa à prisão (isto para os moçambicanos vivendo legalmente na África do Sul).

Simbine disse que quando foi assinado o Acordo de Nkomati pensou que poderia regressar a Moçambique e que a reacção dos outros moçambicanos tinha sido a de que os sul-africanos iriam libertá-los do exército para regressarem ao seu País.

Disse também que os sul-africanos não faziam qualquer comentário à frente dos moçambicanos sobre o Acordo de Nkomati.

Simbine conseguiu fugir no dia 14 de Novembro de 1984. Uma licença de férias datada de 9 desse mês, válida até 4 de Dezembro, deu-lhe a saída do quartel. Ele saiu da base no dia 14 e a p.5, de comboio, de autocarro e depois num carro, conseguiu chegar, dia 15, à fronteira com Moçambique, numa zona chamada Mbozini. Já perto da Namaacha, atravessou a fronteira às 9 horas desse dia e entregou-se às autoridades moçambicanas.

Da Namaacha foi levado para Maputo onde ficou, até quinta-feira na prisão da Mechava. Nesse dia um agente da Segurança moçambicana acompanhou-o à casa de familiares a quem explicou a natureza da sua detenção e que as investigações necessárias estavam concluídas.

Simbine declarou que uma questão muito séria é a minha segurança. Disse que receia que muitas pessoas não percebam o caso dele, mas que o perigo principal provém de possíveis infiltrados em Maputo que me queiram matar ou raptar outra vez porque revelei coisas que não devia ter revelado.

— Tenho a cabeça a prémio — acrescentou.